

*“Educar Jovens e Adultos é dar a
essas pessoas uma nova
perspectiva de vida,
um novo ponto de partida.”
(Coleções FTD para EJA)*



APRESENTAÇÃO

“Escrever e dar aulas. Produzir conhecimento e compartilhá-lo. Por que transmitir normas e proclamar saídas já prontas, em vez de forjar e construir uma linguagem viva? A alegoria da pedra, que me acompanha no movimento da escrita, tem vários sentidos. Pois o que resulta quando quebramos uma pedra? Ínfimas pedras que rolam. hfinitas formas que surgem: do granito a uma forma lapidada; da avalanche que bloqueia a passagem aos seixos suaves que se mexem na correnteza e que ajudam a fazer correr o rio. Erosão. A pedra é parte e todo. Cada estilhaço pode tudo conter. Simboliza a dureza destruída e representa a construção possível. A beleza.”

(Sonia Kramer – Por entre pedras: sonho e arma na escola)

Colegas educadores da Educação de Jovens e Adultos!

Minha pretensão ao elaborar este Caderno Temático sobre a EJA (Educação de Jovens e Adultos) é convidá-los a uma reflexão sobre nossa prática docente, procurando novos caminhos para a solução dos velhos problemas encontrados na realidade escolar, pois conforme nos motiva Kramer na epígrafe acima, a transformação do pensar se faz necessária, assim como compartilhar o conhecimento.

Este Caderno é resultado das leituras feitas sobre o universo da EJA, dos cursos e estudos de formação continuada realizados como parte do Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE/2008 oferecido pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná. Foi escrito levando-se em conta minha experiência profissional ao longo de mais de vinte anos como professora alfabetizadora das séries iniciais do Ensino Fundamental, professora de formação de docentes e pedagoga do CEEBJA de Wenceslau Braz.

Ao compartilhar minhas preocupações com os demais educadores da EJA espero estar deixando minha parcela de contribuição ao oferecer questões a serem refletidas, para que os objetivos educacionais sejam alcançados de forma adequada e efetiva,

resultando em melhorias da qualidade da aprendizagem dos envolvidos.

Em nosso dia-a-dia escolar trabalhamos com uma modalidade de ensino cuja especificidade é marcada pela diversidade: de perfis dos alunos, de idades, de histórias de vida, aspirações, de metodologias... Temos também conhecimento de que a nossa formação inicial acadêmica para o trabalho com a modalidade EJA é praticamente inexistente, pois apenas recentemente os cursos de Pedagogia vêm oferecendo disciplinas que contemplam a temática ensino-aprendizagem de alunos jovens e adultos.

Sendo assim, acredito na necessidade de cursos para a formação continuada aos educadores de EJA, para possibilitar a troca de experiências com outros educadores, pois os saberes (pedagógico - resultados da prática pedagógica e científicos - referentes às diferentes disciplinas) que cada educador traz são importantes e devem ser compartilhados para reflexão e enriquecimento da prática profissional de todos, resultando em uma ação mais eficiente e um trabalho pedagógico preparado para enfrentar a diversidade cultural dos alunos e, por consequência, melhorar a aprendizagem destes.

Espero que este Caderno Temático, ao abordar as questões referentes ao perfil dos alunos, ao currículo da EJA e os saberes necessários aos docentes de EJA, possa funcionar como a “alegoria da pedra” de Sonia Kramer, destruindo a dureza dos conceitos enraizados e possibilitando a construção de um saber novo e possível.

Daisy de Carvalho Ferreira

Professora PDE – 2008



SUMÁRIO

5 INTRODUÇÃO

6 A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

9 PERFIL DOS ALUNOS

12 O PROFESSOR DE EJA

17 O CURRÍCULO DA EJA

24 CONCLUSÃO

25 PARA SABER MAIS

28 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



INTRODUÇÃO

A EJA, por diferenciar-se da educação regular devido as suas especificidades, requer um quadro de professores preparados para atuar de forma que não venha apenas suprir ou compensar a escolaridade perdida do aluno, mas como forma de garantir sua permanência na escola e a continuação de seus estudos.

Sendo assim, faz-se necessário que a ação docente seja voltada para atender esse diferencial e que a realidade e a subjetividade desses alunos sejam o ponto de referência para a prática docente.

No entanto, tem-se levantado alguns questionamentos que levam a reflexões sobre a atuação e formação desse professor. Embora ele, o professor, deva ser o diferencial, questiona-se até que ponto esse ideal tem sido atingido.

- Será que as práticas utilizadas para formar um educador de EJA estão preparando-o para compreender e valorizar a diversidade cultural dos seus alunos?
- Em que medida os educadores de jovens e adultos reconhecem a importância desta preparação para uma prática mais comprometida com a identidade dos alunos, com suas vozes e com a transformação social?
- Até que ponto os professores têm colaborado para isso? De que formas estes profissionais trabalham estas questões em seus cursos de formação?
- O espaço de formação desses educadores tem sido um espaço questionador?

Ao levantar estes questionamentos com os professores, procuro levá-los a repensar sua prática pedagógica ao ressaltar a importância e a necessidade da formação continuada, especialmente quando esta não foi contemplada durante formação inicial.

A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

A Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino que, historicamente no Brasil, sempre foi vista como uma prática fragmentada, como um suplemento de programas. Esse fato deve-se a não exigência de formação específica de seus docentes, ficando a cargo do próprio educador a busca por sua formação. Assim, qualquer professor com formação para atuar no Ensino Fundamental e Médio pode ser docente de EJA, mesmo os que não cursaram disciplinas específicas para a EJA na sua graduação ou discutiram internamente no âmbito de outras disciplinas sua especificidade.

Porém atualmente, a EJA exige uma discussão mais ampla no que diz respeito à sua verdadeira função, que segundo PAIVA (1973) é:


A educação de jovens e adultos é toda educação destinada àqueles que não tiveram oportunidades educacionais em idade própria ou que tiveram de forma insuficiente, não conseguindo alfabetizar-se e obter os conhecimentos básicos necessários. (PAIVA, 1973, p.16)


Visa atender prioritariamente, à classe trabalhadora, portanto a EJA não pode ser pensada de forma desarticulada do mundo do trabalho. É preciso, compreender que o aumento por uma educação formal está diretamente relacionado com a mudança do perfil de mercado de trabalho. E essa relação entre organização social e a escolaridade nunca foi tão forte, pois atualmente a empregabilidade só é garantida, mediante a escolaridade.


Dentro dessa perspectiva, é notório que o retorno dessa população à escola não significa apenas uma busca para ampliação de conhecimentos para conseguir emprego ou uma posição favorável, mas acima de tudo para se manter no trabalho atual. De acordo com Gaudêncio Frigotto:

O campo educativo, da escola básica à pós-graduação, no quadro do ajuste global, é, então, direcionado para uma concepção produtivista, cujo papel é o de desenvolver habilidades de conhecimento, de valores e atitudes e de gestão de qualidade, definidas no mercado de trabalho, cujo objetivo é formar, em cada indivíduo, um banco de reservas de competência que lhe assegure empregabilidade.(FRIGOTTO, 2000, p. 34)

Jamil Cury, relator do PARECER CNE/CNB 11/2000, nas páginas 7 a 9 é bastante enfático no que diz respeito às três funções de EJA: reparadora, equalizadora e qualificadora.

 Segundo o autor, a *Função Reparadora* da EJA não se refere apenas à entrada dos jovens e adultos no âmbito dos direitos civis. Passa também pela restauração de um direito a eles negado, ou seja, o direito a uma escola de qualidade e ao reconhecimento da igualdade de todo e qualquer ser humano ter acesso a um bem real, social e simbolicamente importante. No entanto, não se pode confundir a noção de reparação com a de suprimento, pois é indispensável que seja um modelo educacional que crie situações pedagógicas satisfatórias para atender as necessidades de aprendizagens específicas de alunos jovens e adultos.

 *Função Equalizadora* relaciona-se à igualdade de oportunidades que possibilita oferecer aos indivíduos novas inserções no mundo do trabalho, na vida social, nos espaços da estética e nos canais de participação. A equidade é a forma pelos quais os bens sociais são distribuídos, tendo em vista maior igualdade, dentro de situações específicas. Nessa linha, a EJA representa uma possibilidade de efetivar um caminho de desenvolvimento a todas as pessoas, de todas as idades, permitindo que jovens e adultos atualizem seus conhecimentos, mostrem habilidades, troquem experiências e tenham acesso a novas formas de trabalho e cultura.

 Já a *Função Qualificadora* refere-se à educação permanente, com base no caráter incompleto do ser humano, cujo potencial de desenvolvimento e de adequação pode-se atualizar em quadros escolares. Mais do que uma função, é o próprio sentido da educação de jovens e adultos.

As Diretrizes Curriculares Estaduais de EJA (DCEs) enfatizam a função social dessa modalidade de ensino, o perfil de seus educandos, as formas de avaliação, metodologia e especialmente, os três eixos articuladores do currículo de EJA, a saber: cultura, trabalho e tempo. De acordo com a DCE-EJA (2005):

A partir das reflexões durante o processo de elaboração das DCE para a Educação de Jovens e Adultos, identificaram-se os eixos cultura, trabalho e tempo como os que deverão articular toda a ação pedagógico-curricular nas escolas. Tais eixos foram definidos tendo em vista a concepção de currículo como um processo de seleção de cultura, bem como pela necessidade de atender o perfil do educando da EJA. (DCE/EJA, 2005, p.37).

Outra consideração a fazer sobre os eixos articuladores: cultura, trabalho e tempo, é que, atrelados aos conteúdos estruturantes de cada disciplina, podem ser uma forte sustentação para uma aprendizagem que leve à politização, pois uma das formas de exclusão é o despreparo para questionamentos e a participação, fatores fundamentais para a liberdade e a conscientização para chegar a uma transformação política. A prática pedagógica bem fundamentada supera os modismos políticos e realiza uma de suas principais funções que é a inclusão social. Enfim, a EJA não pode ser uma modalidade educacional neutra pela grande dimensão que tem.

Ainda, segundo as DCEs, a EJA deve ser uma modalidade de ensino com uma estrutura mais flexível do que as escolas regulares, onde o tempo de aprendizagem de cada aluno é diferenciado, portanto, deve levado em conta, dando-se ênfase ao educando para atender suas necessidades individuais com propostas educativas que garantam o acesso, a permanência e o êxito na escola



PERFIL DOS ALUNOS

Em todos os níveis e modalidades de ensino a escola deve estar voltada ao aluno e não o contrário. Na EJA, este conceito deve ser reforçado, pois o jovem e o adulto que procuram esta modalidade de ensino já trazem consigo experiências de vida e conhecimentos informais acumulados historicamente. Esta bagagem cultural deve ser aproveitada pelo professor, uma vez que é necessário fazer uma ponte entre o interesse de seus educandos e suas experiências com o conhecimento científico, formal, para que haja uma educação que esteja a serviço desse perfil de aluno.

As Diretrizes Curriculares Estaduais da Educação de Jovens e Adultos em sua versão preliminar destacam como ponto preponderante a compreensão sobre o perfil de seus educados:

Compreender o perfil do educando da EJA requer conhecer a sua história, cultura e costumes, entendendo-o como um sujeito com diferentes experiências de vida e que em algum momento afastou-se da escola devido a fatores sociais econômicos políticos e ou culturais. (DCEs, 2005, p 33)

De maneira geral, os alunos que procuram a EJA para retomar seus estudos são pessoas de classe trabalhadora, vivendo grande parte delas de subemprego ou desempregados. Procuram a escola com a aspiração de galgar melhores possibilidades de emprego, sendo a EJA uma oportunidade para isso. São em grande parte, marginalizados pela escola e marcados por uma história de entradas e saídas de cursos anteriores, por motivos que variam desde os de ordem pessoal, como cansaço após a jornada de trabalho, desestímulo, alimentação

deficiente, até os que dizem respeito ao sistema educacional, como metodologias e recursos pedagógicos inadequados.

Os que abandonam a escola fazem isso por diversos fatores de ordem social e econômica, mas também por se sentirem excluídos dentro da própria realidade de ensino e aprendizagem na escola. Nesse processo de exclusão, o insucesso na aprendizagem tem tido papel destacado e determina a freqüente atitude de distanciamento, temor e rejeição em relação à escola que parece inacessível e sem sentido ao aluno. Para SANTOS:

Os jovens e adultos pouco escolarizados trazem consigo um sentimento de inferioridade, marcas de fracasso escolar, como resultado de reprovações, do não-aprender. A não-aprendizagem, em muitos casos, decorreu de um ato de violência, porque o aluno não atendeu às expectativas da escola. Muitos foram excluídos da escola pela evasão (outro reflexo do poder da escola, do poder social); outros a deixaram em razão do trabalho infantil precoce, na luta pela sobrevivência (também vítimas do poder econômico). (SANTOS, 2003, p. 74)

Apesar de todas as carências citadas, essas pessoas possuem experiência de vida que lhes permitem sobreviver em meio às dificuldades que para muitos seriam intransponíveis, possuem uma forma própria de aprendizagem, um saber próprio resultante de experiências desenvolvidas ao longo da vida, pelo fato de dedicarem-se muito cedo a uma atividade produtiva.

Portanto, é preciso destacar que o aluno da Educação de Jovens e Adultos já desenvolve os conteúdos, envolvendo-se nas práticas sociais. Falta-lhe sistematizar. A dimensão política e social deve fazer parte das discussões em aula a partir do momento em que o interesse

do jovem e do adulto, trabalhador ou não, é estar engajado e participante no contexto social e cultural em que está inserido.

Muitos jovens e adultos dominam noções aprendidas de maneira informal ou intuitiva antes de entrar em contato com as representações simbólicas convencionais. Esse conhecimento reclama um tratamento respeitoso e deve constituir o ponto de partida do conhecimento formal. Por isso, os alunos devem ter oportunidade de contar suas histórias de vida, expor os conhecimentos informais que têm sobre os assuntos, suas necessidades cotidianas, suas expectativas em relação à escola e às aprendizagens.

Em qualquer fase da vida escolar, a aquisição de novos conhecimentos deve considerar os conhecimentos prévios dos alunos. No entanto, em relação aos jovens e adultos, é primordial partir dos conceitos decorrentes de suas vivências, suas interações sociais e sua experiência pessoal. Como detêm conhecimentos amplos e diversificados podem enriquecer a abordagem escolar, formulando questionamentos, confrontando possibilidades e propondo alternativas a serem consideradas.

Logo, ao trabalhar com jovens e adultos, o educador deverá ter a humildade de aceitar os conhecimentos já adquiridos por eles e tolerância para saber articular tais conhecimentos com os que pretende fazê-los adquirir; conseqüentemente, os jovens e adultos terão mais facilidade em aprender se o que estiver sendo ensinado estiver articulado com sua vivência, quando houver a junção entre o conhecimento erudito e a experiência do cotidiano. .



O PROFESSOR DE EJA

Segundo Arbache (2001), a formação do professor de EJA deve ter um enfoque específico no que diz respeito ao conteúdo, metodologia, avaliação e atendimento a esse grupo tão heterogêneo de alunos.

No entanto, é sabido que a formação inicial, ou seja, a formação acadêmica de graduação do professor para atender a especificidade da EJA é ainda incipiente. Para minimizar essa defasagem, a formação continuada ao longo da carreira profissional pode contribuir para os docentes dessa modalidade de ensino, na troca de experiências com seus pares, uma ação mais eficiente, levando-os na direção de um trabalho pedagógico preparado a enfrentar a diversidade cultural de seus alunos e, por consequência, melhorar o desenvolvimento destes.

É necessário compreender e respeitar a pluralidade cultural, as identidades, as questões que envolvem classe, raça, saber e linguagem dos alunos, valorizando a sua bagagem histórica, pois de acordo com ARBACHE (2001):

Visualizar a educação de jovens e adultos levando em conta a especificidade e a diversidade cultural dos sujeitos que a elas recorrem torna-se, pois um caminho renovado e transformador nessa área educacional. (ARBACHE, 2001, p.22)

Desse modo, para que o educador de Jovens e Adultos possa contribuir como uma aprendizagem mais significativa deve estar preparado para atender esses alunos em todas as suas especificidades e, portanto deve conhecer seus alunos e suas necessidades.

A Educação de Jovens e Adultos não pode ser uma sobrecarga que os alunos devem carregar; precisa sim, ser um apoio e um incentivo para melhoria de suas vidas. Para tanto, é função do educador, buscar formas de intervenção e transformação da realidade, problematizando-a, através de uma relação de diálogo constante com o educando.

Em sala de aula, o importante não é depositar conteúdos, mas despertar uma nova relação com a experiência vivida. Portanto, antes de qualquer coisa, é preciso conhecer o aluno, reconhecê-lo como indivíduo no contexto social, com seus problemas, seus medos, suas necessidades, valorizando seu saber, sua cultura, sua oralidade, seus desejos, seus sonhos. Possibilitar uma aprendizagem integradora, abrangente, não compartimentalizada, não fragmentada.

Sabe-se que educar é muito mais que reunir pessoas numa sala de aula e transmitir-lhes um conteúdo pronto. É papel do professor, especialmente do professor que atua na EJA, compreender melhor o aluno e sua realidade diária. Enfim, é acreditar nas possibilidades do ser humano, buscando seu crescimento pessoal e profissional. Deste modo, o professor estará auxiliando de maneira mais efetiva o processo de reingresso dos alunos às turmas de EJA.

Em vista disso, essa análise remete a noção de que mudar é preciso, no entanto, deve ser um processo moldado pela transformação, que no caso do ensino, traduz-se pela aquisição de um processo mais interiorizado: a aprendizagem. Logo, eis a pergunta-chave: o que o professor poderia levar de inovador para a sala de aula, além de se manifestar portador de um título de graduação superior? Sobre isso, está a afirmação de que:

É preciso insistir que tudo quanto fazemos em aula, por menor que seja, incide em maior ou menor grau na formação de nossos alunos. A maneira de organizar a aula, o tipo de incentivos, as expectativas que depositamos, os materiais que utilizamos, cada uma destas decisões veicula determinadas experiências educativas, e é possível que nem sempre estejam em consonância com o pensamento que temos a respeito do sentido e do papel que hoje em dia tem a educação (ZABALA, 1998, p. 29).

O foco do trabalho pedagógico do professor faz toda diferença; ele deve preocupar-se com os alunos, para poder tirá-los do lugar comum, independentemente de políticas públicas e programas. Ensinar de maneira crítica depende do preparo e da formação do

professor. Estes requisitos são preconizados no PARECER CNE/CNB 11/2000:

Com maior razão, pode-se dizer que o preparo de um docente voltado para a EJA deve incluir, além das exigências formativas para todo e qualquer professor, aquelas relativas à complexidade diferencial desta modalidade de ensino. Assim esse profissional do magistério deve estar preparado para interagir empaticamente com esta parcela de estudantes e de estabelecer o exercício do diálogo. Jamais um professor aligeirado ou motivado apenas pela boa vontade ou por um voluntariado idealista e sim um docente que se nutra do geral e também das especificidades que a habilitação como formação sistemática requer. (PARECER CNE/CONEB, 2000, p56)

Além disso, o verdadeiro papel do educador popular deve ser o de fazer com que, todos juntos, sejam levados a pensar, questionar os fatos do mundo. É importante que os alunos se vejam como parte da história e não apenas como espectadores. Para tanto, o educador deverá estimular a participação dos alunos, trazendo assuntos do interesse deles, procurando vincular os conteúdos curriculares com aquilo que eles conhecem, mostrar a realidade como ela é, trabalhando em cima dos problemas que os cercam, preparando-os para lutar por um mundo melhor. Enfim, levando-os ao caminho da cidadania. Piconez (1995) também critica a falta de formação especializada na EJA:

A maioria dos estudos sobre Educação de Adultos tem colocado, entre suas prioridades, a necessidade de formação de professores para educação tão peculiar. A inexistência de estudos sobre jovens e adultos nos cursos de formação de professores, seja em nível de 2º ou 3º graus, tem sido colocada com freqüência. As próprias Faculdades de Educação começam a se dar conta nos últimos anos que seus currículos não contemplam estudos sobre a problemática do analfabetismo ou da educação de jovens e adultos,

tratada, muitas vezes, como matéria espúria, com seu desenvolvimento caracterizado por descontinuidades ou como tarefa de perspectiva assistencialista ou filantrópica, e não na perspectiva de um direito de cidadania. (PICONEZ, 1995, p.37)

Nesse sentido, pensar sobre a formação de professores, e mais especificamente os de EJA, é essencial, pois, na medida em que se têm mais professores habilitados para a escolarização de jovens e adultos, mais potencialidade a escola terá de participar de processos de mudança. Sabe-se que a formação de professores para atuar com esta faixa etária de alunos é recente. Poucos cursos estão criando habilitações ou inserindo disciplinas para tratar sobre o ensino de jovens e adultos, ou ainda programas de pós-graduação em nível de especialização com trabalhos produzidos nessa modalidade. Assim, percebe-se que o educador da EJA adquire seus saberes na prática e na formação continuada, pois, dificilmente, na formação inicial ele teve oportunidades de aprender e refletir sobre os processos de desenvolvimento do aluno adulto.

A escola, por sua vez, juntamente com os educadores, não poderá desconsiderar a “bagagem” trazida pelos educandos, pelo contrário, deverá valorizá-la, pois vem de pessoas que já possuem vivências e conhecimentos, que são excluídas e discriminadas por não terem tido acesso aos saberes sistematizados e que, na maioria das vezes vão à escola após uma dura jornada de trabalho. E esta relação, num processo educativo entre adultos, mesmo considerando que um dos objetivos fundamentais da educação de adultos pouco escolarizados é o possibilitar o acesso ao conhecimento formal, não pode reproduzir a estrutura e os conteúdos do ensino tradicional.

De acordo com matéria publicada na Revista Nova Escola, Sônia Giubilei, pesquisadora e coordenadora do GEPEJA (Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação de Jovens e Adultos) salientou que algumas práticas são essenciais ao profissional que trabalha com alunos dessa faixa etária.

- Valorizar os conhecimentos do aluno, ouvir suas experiências e suposições e relacionar essa sabedoria aos conceitos teóricos.
- Dialogar sempre, com linguagem e tratamento adequado ao público.
- Perguntar o que os estudantes sabem sobre o conteúdo e a opinião deles a respeito dos temas antes de abordá-los cientificamente. Dessa forma, o educador mostra que eles sabem mesmo sem se dar conta disso.
- Compreender que educar jovens e adultos é um ato político e, para isso, ele deve saber estimular o exercício da cidadania.

Em vista disto, para atender a formação desse profissional, acreditamos em uma formação continuada que possibilite ao professor uma participação mais ativa no universo da profissão e uma formação potencializadora do desenvolvimento da autonomia e da capacidade de trabalhar com as transformações que vêm ocorrendo na economia, na cultura e na sociedade.

Para que o profissional esteja preparado para pensar e enfrentar essas situações, a procura por formação deve, ou deveria ser inerente a sua prática. No entanto, esta busca, muitas vezes, não faz parte do cotidiano dos professores e não é incentivada pelas instituições formadoras, nem pelas instituições empregadoras.

O CURRÍCULO DA EJA

Recentemente as escolas da rede pública Estado do Paraná foram convocadas a participar do movimento de re/construção curricular vivenciado por todas as modalidades de ensino, onde toda comunidade escolar foi conclamada a retomar a discussão coletiva do currículo, uma vez que a proposta vigente Currículo Básico e Parâmetros Curriculares Nacionais, embora tenham sido considerados como avanços, apresentavam descontinuidades decorrentes das constantes mudanças políticas.

Nesse processo de discussão, reflexão e sistematização das decisões e de acordo com as orientações da Secretaria Estadual da Educação a formulação das novas diretrizes partiu das reflexões que contemplaram: a visão de homem, de mundo e de escola; a concepção de Educação, suas teorias e práticas; a contextualização da Educação frente à conjuntura nacional; o perfil do aluno e do professor bem como das escolas e seus órgãos colegiados.

Assim, do esforço coletivo de todos os profissionais da educação e colegiados, foram reformuladas as Diretrizes Curriculares Estaduais.

Nessa reformulação, o centro das atenções e preocupação constante quanto à determinação do ensino na EJA foi de que os conteúdos seriam os mesmos do Ensino Regular a fim de garantir e captar a estrutura de cada área do conhecimento, porém o trabalho pedagógico ficaria vinculado aos três eixos articuladores da proposta: Cultura Trabalho e Tempo, enfatizando-os numa metodologia diferenciada.

As Diretrizes Curriculares dão bastante relevância a essa articulação:

A proposta para a organização metodológica das práticas pedagógicas de EJA, deve levar em consideração os três eixos articuladores propostos

para as Diretrizes Curriculares: cultura, trabalho e tempo, os quais deverão estar, intrinsecamente, ligados. A cultura, eixo principal, norteará a ação pedagógica, haja visto que dela emanam todas as manifestações humanas, entre elas, o trabalho e o tempo. (DCEs, 2005, p 45)

As escolhas curriculares, conseqüentemente, emergem das necessidades de aprendizagem dos sujeitos. Assim, o currículo está sendo reorganizado de modo a assegurar a atenção ao aluno e o seu desejo de permanecer no espaço educativo. Foram apontados tempos e espaços na perspectiva de garantir o processo de aprendizagem dos sujeitos no seu tempo, criando a concepção de flexibilização responsável, ou seja, quem faz o tempo de aprendizagem é o próprio aluno. Foram tentativas a fim de superar uma rigidez no tempo, que tem caracterizado as escolas até hoje, dificultando o respeito à diversidade dos sujeitos, que possuem ritmos próprios de aprendizagem.

Assim, foram demarcadas a idéia de tempo pedagógico e tempo escolar. Refletindo sobre a relação da grande variante existente entre os dois tempos, deve-se observar com que seriedade e importância esse eixo articulador precisa ser abordado, conforme recomendação da proposta estadual de EJA:

O equilíbrio entre o tempo escolar e o tempo pedagógico, na perspectiva de um currículo com metodologia integradora e emancipadora, é especialmente relevante na EJA, caracteriza por atender os interesses e as necessidades de pessoas que já têm um determinado conhecimento socialmente construído, com tempos próprios de aprendizagem e que participam do mundo do trabalho e, por isso, requerem metodologias específicas para alcançar seus objetivos. (DCEs, 2005, p 47).

Por conseguinte, a construção da identidade da Educação de Jovens e Adultos concretiza-se na organização curricular, pois é neste momento que são delimitados os tempos e os espaços de ensinar e aprender, em que a diversidade apresentada por este grupo aponta para a construção de um currículo flexível, mas com a garantia de qualidade pedagógica que assegure a articulação entre os saberes vividos e os escolares.

As reflexões sobre a relação entre educação Regular - EJA no que diz respeito ao conteúdo do ensino foram assinalando outros elementos a serem aprofundados e remetendo a aspectos metodológicos, refletindo sobre a relação Regular - EJA, Saviani ensaiou uma formação:

Não estará por certo no conteúdo, mas no seu tratamento, a diferença entre o regular e o supletivo. (...) A equivalência é necessária, não porque o aluno poderá pretender prosseguir os estudos (ou pelo menos não só por isso), mas porque é preciso que se lhe permita - e já com muito atraso! - o acesso aos conhecimentos básicos necessários à sua participação social mais efetiva. Essa equivalência, porém, não estará necessariamente (e na maioria dos casos nem é possível mesmo que esteja) na relação série/termo, mas na garantia do básico em relação ao conjunto de conhecimentos que o ensino regular transmite às crianças e adolescentes. Na organização do conteúdo de cada componente curricular, alguns itens se revelarão indispensáveis e exigirão um tratamento mais detalhado, enquanto outros talvez possam ser tratados com menos detalhes ou até mesmo dispensados. Se no ensino regular é possível trabalhar o básico com alguns acessórios, no supletivo quase sempre será necessário abrir mão dos acessórios, e, não raro, *extrair o básico do básico*, para que o essencial seja trabalhado... E bem trabalhado (SAVIANI, 1985, p 58).

Logo, a definição do currículo se faz desde um conjunto de critérios e concepções do que seja conhecimento escolar relevante, os quais pautam a seleção dos conteúdos, sua forma de organização e exposição, a dinâmica das aulas, constituindo um ambiente propício à incorporação de conceito e valores que permitam o exercício sistemático de análise da realidade e a problematização da vida concreta.

Fazer política é disputar poder e, fazendo uma analogia, fazer currículo, é sinônimo disso; portanto, o professor deve estar profundamente envolvido e consciente da dimensão de seu trabalho. O currículo é um instrumento que

pode ser utilizado de duas formas antagônicas: em benefício dos estudantes ou do poder, pois o pior currículo pode ficar ótimo na mão de um bom professor e vice-versa, o melhor currículo pode caracterizar retrocesso na mão de um professor despreparado.

De acordo com Jaqueline Moll (2004):

Fazer-se professor de adultos implica disposição para aproximações que permanentemente transitam entre saberes constituídos e legitimados no campo das ciências, das culturas e das artes e saberes vivenciais que podem ser legitimados no reencontro com o espaço escolar. No equilíbrio entre os dois a escola possível para adultos. (MOLL, 2004, p.17)

Dessa articulação entre o conhecimento científico e o conhecimento informal, a Política da EJA para as escolas da rede pública, pautada na Escola Libertadora e na relação dialógica, aponta também, alguns princípios para a construção de um currículo que venha atender as necessidades e expectativas dos jovens e adultos:

- Compromisso com a vida, com a realidade e com os interesses dos educandos, com sua formação humana e com o seu acesso à cultura;
- Ampliar sua reflexão crítica com atitudes éticas e compromisso político, através do desenvolvimento de sua autonomia intelectual;
- Educando como sujeito na construção do próprio conhecimento, mediante a compreensão dos processos de trabalho, de criação, de produção e de cultura;
- Dialogicidade no ato educativo;
- Conteúdos escolares trabalhados a partir da realidade social dos jovens e adultos;
- Valorização da práxis (reflexão a ação dos educandos);
- Tempo diferenciado de aprendizagem, respeitando os limites e possibilidades.

- Compromisso com a transformação social.

Esses princípios, definidos coletivamente na Política Pública da Educação de Jovens e Adultos estão sendo implementados nos Projetos Políticos e Pedagógicos das comunidades escolares, cujos currículos estão emergindo da situação real de vida do educando pois :

Considera-se que a EJA atende um universo de pessoas jovens, adultas e idosas bastante diverso, com trajetórias de vida distintas, com ou sem repertório escolar prévio, que chegam da ou retornam à escola movidos por interesses e disponibilidades também diferenciados. A EJA tem compromisso em promover a justiça educacional priorizando as mulheres, nômades, negros, índios, idosos, camponeses e portadores de necessidades educativas especiais. (Política Pública de EJA, 2001, pg. 52)

Para atender a diversidade, a comunidade escolar está se organizando, estabelecendo o diálogo como fundamento metodológico com a multiplicidade de características e experiências, tais como as fases da vida, as condições de trabalho, identidade, cultural, ética, religiosa e de gênero, participação social, e a linguagem e as suas expressões e outras. Essa construção tem como perspectiva a melhoria da qualidade de vida dos sujeitos.

A construção curricular, tem a perspectiva de desenvolver a formação dos jovens e adultos nas diversas dimensões da vida tais como, cognitiva, afetiva, ética, cultural, estética e política, construindo uma dimensão de totalidade do educando, contribuindo para a superação das dicotomias que tem caracterizado a educação que separa corpo e intelecto, por exemplo. O objetivo é promover a interação entre os sujeitos e a construção da autonomia. Construindo um currículo de EJA para a compreensão do saber como forma de emancipação.

Para que se seja garantida a construção de um currículo voltado para inclusão, portanto, dialógico, dinâmico, crítico, histórico, que

garanta a diversidade dos sujeitos e multiplicidade de tempos, espaços e ritmos de construção é preciso estar em sintonia com a Conferência de Hamburgo que nos aponta alguns compromissos:

(...) A EJA deve ter uma visão ampla do processo produtivo e do mundo do trabalho com vistas à eliminação de todas as formas de exclusão e discriminação (...) Desenvolver a EJA segundo um enfoque intercultural, de educação para o exercício da cidadania democrática, da justiça social e de uma cultura de paz (...) Pensar em sistema educativo que seja inclusivo, centrado nos sujeitos, que reconheça as experiências e os saberes das diferentes culturas, comprometendo-se com projetos de vida pessoal e coletivo” (...) (V CONFINTEA)

A totalidade de conhecimento é outra categoria fundamental, pois o conhecimento enquanto construção social é contextualizado e histórico. Dessa forma, a construção social do conhecimento está diretamente comprometida com a transformação social, referenciada na realidade histórica, em interação com os diferentes saberes e valorização da cultura popular.

A seleção de conteúdos, conceitos ou conhecimentos significativos tem o objetivo de abranger e problematizar estrutura, buscando uma análise explicativa mais ampla que usa de instrumentos conceituais das diferentes áreas do conhecimento para pensar as suas práticas sociais, a sua transformação e a conseqüente intervenção no mundo.

A questão central da escola é a consolidação do saber elaborado de forma a garantir a todos um conhecimento elementar e fundamental. Esse conhecimento se constituirá no domínio de conceitos que os levarão a participar da realidade de forma ativa e mais crítica.

Em relação aos aspectos legais, o Parecer CNE/CEB nº. 11/2000, que estabelece as diretrizes curriculares nacionais para a educação de jovens e adultos, orienta que o resgate da dívida social acumulada com uma parcela significativa dos jovens e adultos que não tiveram acesso à escolarização na idade considerada adequada seja realizado, tendo em vista que o acesso e a conquista da terminalidade do ensino fundamental é um direito público subjetivo para todas as pessoas, independente de sua faixa etária.

Segundo o Parecer CNE/CEB nº 11/2000:

A nova formulação legal da EJA no interior da educação básica, como modalidade do ensino fundamental e sua inclusão na ótica do direito, como direito público subjetivo, é uma conquista e um avanço cuja efetivação representa um caminho no âmbito da colaboração recíproca e na necessidade de políticas integradas (BRASIL, 2000, p. 53).

O mesmo Parecer ressalta, também, a necessidade de se romper com a cultura assistencialista, discriminatória e excludente que ainda acompanha essa modalidade de ensino. E destaca a importância da formação e da qualificação docente para atuar nas salas de aula da educação de jovens e adultos, de acordo com as demandas e especificidades apresentadas pela área.



CONCLUSÃO

Diante das questões levantadas fica claro que formação de professores é um pré-requisito para a melhoria da qualidade da educação. Com base neste pressuposto, não há dúvida que essa qualidade passa obrigatoriamente, por uma formação continuada e permanente de seus professores, pois é através da reflexão constante de suas ações, da discussão e conhecimento de novos métodos, da sintonia com o sistema político educacional e da atualização de seus conhecimentos que o ensino em sala de aula tenderá a melhorar.

Portanto, para atender a formação desse profissional, acredita-se em uma formação continuada que possibilite ao professor uma participação mais ativa no universo da profissão e uma formação potencializadora do desenvolvimento da autonomia e da capacidade de lidar com as transformações que vêm ocorrendo na economia, na cultura e na sociedade.

O professor, neste ir e vir entre teoria e prática promove reflexões importantes, debate com seus pares e amplia seu repertório de conhecimentos para aprimorar sua prática e conseguir proporcionar os alunos, um ensino de qualidade.

Diante destas discussões, a profissão docente abrange singularidades que a diferencia dos demais profissionais, ou seja, não é suficiente apenas carregar um título acadêmico, é preciso dedicação, de grau que não se alcança apenas pelo simples querer-ser, mas que só estará disponível quando há compromisso deste profissional consigo mesmo, sob uma ação pautada pela ética e pelo compromisso de crescer tanto no plano profissional quanto pessoal.



PARA SABER MAIS

➤ Conheça a Coleção Cadernos de EJA: Materiais pedagógicos para o 1º e 2º segmentos do Ensino Fundamental de Jovens e Adultos (MEC/SECAD). Esta coleção é composta por 27 cadernos, 13 para o(a) aluno(a), 13 para o(a) professor(a) e 1 com a concepção metodológica e pedagógica do material. Aborda o tema “trabalho” pela importância que tem no cotidiano das pessoas. A coleção foi elaborada por professores de várias universidades brasileiras e apresenta textos e atividades didáticas criativas e interdisciplinares para apoiar o trabalho de educadores de jovens e adultos.

O projeto é uma iniciativa da Fundação Unitrabalho e da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do MEC (SECAD) através de uma parceria para produção de materiais didáticos e pedagógicos com base nas Diretrizes Curriculares Nacionais para EJA.

O referido material foi distribuído pelo MEC/SECAD às escolas que ofertam a modalidade EJA e encontram-se a disposição na biblioteca da escola para que todos os(as) professores(as) e alunos(as) tenham acesso.

➤ Quer saber quais práticas são essenciais ao profissional que trabalha com EJA? Leia o artigo publicado na Revista NOVA ESCOLA, Edição nº168, de dezembro de 2003, da Editora Abril e saiba mais sobre a Educação de Jovens e Adultos no Brasil e a necessidade da formação docente.

➤ **INSTITUTO PAULO FREIRE**



Programas e Projetos

A fim de possibilitar a troca de experiências e aprofundar as reflexões teóricas em torno de seus campos de atuação, os projetos e programas que o Instituto desenvolve - atividades de estudos, pesquisas, publicações, formação inicial e educação continuada, consultorias e assessorias educacionais - estão distribuídos entre suas Coordenadorias, Secretarias e Entidades afiliadas. As Coordenadorias são divididas em Educação de Adultos, Educação Cidadã, Educação Popular e Relações Internacionais. Já as Secretarias em Comunicação Institucional, Comunicação Internacional, Cultura, Currículo e Avaliação, Educação Socioambiental, Gestão de Projetos, Mobilização Social, Política Editorial, Tecnologia e Educação a Distância. E as filiais, em Centro de Referência Paulo Freire, Casa da Cidadania Planetária, Editora e Livraria Instituto Paulo Freire e Unifreire.

<http://www.paulofreire.org/Programas/WebHome>

REVEJ@

REVISTA DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Esse grupo vem se constituindo desde a disciplina do programa de pós-graduação da Faculdade de Educação da UFMG "*Movimentos Sociais: educação e cidadania*" oferecida pelos professores Leôncio Soares e Lúcia Helena Alvarez Leite, no segundo semestre de 2005. Das discussões e inquietações levantadas na disciplina emergiu o desejo de seguir estudando com os professores, porém, dessa vez, seria a vida e obra de Paulo Freire. Assim, no segundo semestre de 2006 nasceu, sob orientação de Leôncio e Lucinha, a disciplina "*Paulo Freire*", com um grupo que, em parte, se repetia e, ao mesmo tempo, recebia outros colegas. Foi possível revisitar com eles o pensamento de Freire, ler algumas de suas obras e conhecer seus críticos. O desejo de prosseguir

estudando ficou latente. Então, parte do grupo encontra-se novamente no primeiro semestre de 2007 na disciplina “*Estudos e Pesquisas em EJA*” que atraiu novos colegas pesquisadores, de diferentes áreas e instituições, que tem como “chão comum” a Educação de Jovens e Adultos. Orientada pelo Prof. Leôncio Soares, a disciplina, em um de seus desdobramentos, se deparou com a pequena circulação de revistas que abordam a temática da EJA. Daí a proposição de se criar uma revista eletrônica, a *REVEJA*, com o objetivo de impulsionar, recolher e divulgar a produção no campo da Educação de Jovens e Adultos.

O Grupo de Estudos, bem como a revista **REVEJ@** de sua autoria, estão vinculados ao [Núcleo de Educação de Jovens e Adultos](#) (NEJA) da [Faculdade de Educação da UFMG](#).



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARBACHE, Ana Paula. **A Formação de educadores de pessoas jovens e adultos numa perspectiva multicultural crítica.** Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro. Papel Virtual Editora, 2001.

BRASIL. **Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Brasília: 2007.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Diretrizes Curriculares para Educação de Jovens e Adultos.** Brasília, DF, 2000.

FRIGOTTO, G. A educação e a formação técnico-profissional frente à globalização excludente e o desemprego estrutural. In SILVA, L. H. (org.) **A escola cidadã no contexto da globalização.** Petrópolis: Vozes, 1998.

GIUBILEI, S. (Org). Abrindo diálogos na educação de jovens e adultos. 1. ed. São Paulo: Secretaria Estadual de Educação/CENP, 2005. v. 1. 130 p.

MOLL, Jaqueline org. **Educação de Jovens e adultos.** Porto Alegre: Mediação, 2004.

PAIVA, Vanilda Pereira. **Educação popular e educação de jovens e adultos.** Rio de Janeiro: Edições Loyola, 1973

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes curriculares da educação de jovens e adultos no estado do Paraná.** Versão Preliminar. Curitiba: SEED – PR, jan. de 2005.

PICONEZ, Stela C. Bertholo. **Educação escolar de adultos: possibilidades de reconstrução de conhecimentos no desenvolvimento do trabalho pedagógico e suas implicações na formação de professores.** São Paulo, 1995. Tese (Doutorado) USP.

SAVIANE N. **Reflexões e Perspectivas do Ensino Supletivo Municipal.** São Paulo, PMSP/SME/DEPLAN/DOT, 1985.

SANTOS, M. L. L. (2003). **Educação de jovens e adultos:** marcas da violência na produção poética. Passo Fundo: UPF.

UNESCO – **Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI.** Tradução portuguesa. Rio Tinto: Edições ASA , 1996.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa:** como ensinar. trad. Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: ArtMed, 1998.